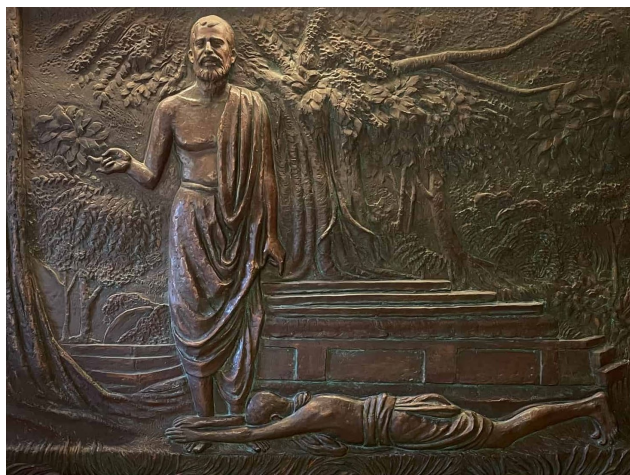


A HISTÓRIA DE RASIK¹

Por Swami Chetanananda



Rasik aos pés de Sri Ramakrishna perto do *Panchavati*.

Rasik era um varredor no jardim do templo de Dakshineswar. Porque ele era pobre e havia nascido em uma família de baixa casta, ele era quase desconhecido para os visitantes do templo daquela área. Apenas alguns poucos devotos de Ramakrishna o notaram. O trabalho de Rasik era varrer os caminhos do jardim e o pátio, limpar a latrina, e assim por diante. Seu status humilde o impedia de entrar no templo; ele não podia sequer tocar os sacerdotes por causa das restrições sociais. Sua parte no drama divino de Ramakrishna foi encenada fora do palco. Peregrinos e visitantes não estavam interessados em conhecer o varredor do jardim do templo. Seu salário mensal provavelmente não era mais do que uma ou duas rúpias (como sacerdote, Ramakrishna ganhava apenas cinco rúpias por mês). Além disso, Rasik era um homem reservado: ele não conhecia muitas pessoas além de Ramakrishna e dos oficiais do templo que o haviam contratado.

Nós tentamos conhecer ou amar a Deus através de *japa*, meditação, austeridades, e do estudo das escrituras; mas o *Katha Upanishad* nos diz: “O Ātman é alcançado por aquele a quem Ele escolhe.” Nós realizamos Deus

¹ Capítulo do livro em inglês “*How to Live with God*”, de Swami Chetanananda, líder espiritual do centro da Ordem Ramakrishna em Saint Louis, EUA.

por Sua graça. Rasik era analfabeto, então ele não podia usar seu intelecto para compreender Ramakrishna. Mas ele era simples, sem malícia, e espiritual. O Mestre era também extremamente simples, então ele concedeu sua graça a este varredor do jardim do templo.

Swami Vishuddhananda recordou:

“Eu ouvi do Irmão Ramlal [sobrinho de Ramakrishna] sobre como a graça incondicional do Mestre foi concedida a Rasik. Ele era o varredor do jardim do templo de Dakshineswar. Todos os dias ele via o Mestre de longe. Ele observou que muitas pessoas visitavam o Mestre em seu quarto. Ele ponderou: “Eu estou tão perto do Mestre; ainda assim não posso ir ao seu quarto e tocar seus pés. Que tipo de pecado eu cometi? O Mestre está salvando tantas almas — boas e más. Quão infeliz eu sou! Eu o vejo de longe, mas não posso chegar perto dele.” Assim, uma tempestade estava rugindo em sua mente ao longo de um período de alguns anos. Ele não tinha paz.

Um dia uma oportunidade de ouro chegou. O Mestre foi ao bosque de pinheiros para atender ao chamado da natureza e o Irmão Ramlal estava esperando perto do *Panchavati*. Rasik escondeu-se atrás de uma árvore e pensou: “Eu não me importo com o que acontecer. Não posso suportar mais.” Quando o Mestre voltou em direção ao *nahabat*, Rasik rapidamente caiu no caminho do jardim, agarrou seus pés, e exclamou: “Pai, o que acontecerá comigo?” Esta abordagem inesperada assustou o Mestre um pouco, e então ele entrou em *samādhi*. Assim, algum tempo passou. Rasik lavou os pés do Mestre com suas lágrimas e assim aliviou a dor reprimida de seu coração. O Mestre retornou ao seu estado normal, tocou a cabeça de Rasik, e disse, “Você alcançou tudo.”²

Kedamath Bandyopadhyay de Dakshineswar escreveu em suas memórias:

“Rasik Hari da Aldeia de Dakshineswar pertencia à casta dos varredores. Eu vi o Mestre conversando com Rasik, em pé em seu pátio, como se fossem amigos. Vendo Rasik um pouco tonto, o Mestre disse com um sorriso: ‘Eu entendo o que aconteceu. Não beba demais.’ Rasik caiu aos pés do Mestre e disse: ‘Pai, quem me dará um pouco de álcool? Eu não posso me dar ao luxo de beber. Por sorte, a mãe de Natabar Panja morreu, então eu ganhei algum dinheiro extra por fazer uma limpeza. Mas as mães de pessoas vão morrer todos os dias, Pai? Elas vão morrer depois da minha morte.’”³

² Swami Vishuddhananda, *Satprasnaga* (Ramakrishna Mission: Shillong, 1959) 2: 50.

³ *Udobodhan*, 50:72.

Christopher Isherwood disse, “Um grande guru é antes de tudo um grande discípulo.” Ramakrishna é um exemplo ideal desta afirmação. Ele dizia a seus discípulos: “Enquanto eu viver, eu aprendo.” O Mestre aprendia continuamente; ele nunca fechou a porta de seu coração. Ele aprendia com varredores, bêbados, e artistas de circo. É por isso que há uma tão grande variedade em seus ensinamentos. O papel importante que Rasik desempenhou na vida de Ramakrishna não é amplamente conhecido.

Enquanto estava em meditação, a mente de Ramakrishna uma vez correu para a casa de Rasik. Isto pode surpreender o leitor, mas realmente aconteceu. O Mestre descreveu este incidente, dizendo: “A *Chitshakti, Mahamaya*, tornou-se os vinte e quatro princípios cósmicos. Um dia, enquanto eu estava meditando, minha mente vagou para a casa de Rasik. Ele é um lixeiro. Eu disse à minha mente, ‘Fique aí, seu patife!’ A Divina Mãe me revelou que os homens e mulheres nesta casa eram meras máscaras; dentro deles estava o mesmo Poder Divino, *Kundalini*, que sobe através dos seis centros espirituais do corpo.”⁴

Ramakrishna não parou em visitar a casa de Rasik em sua meditação; ele realmente foi lá no fim da noite e limpou a latrina de Rasik. Ramakrishna estava desesperadamente tentando destruir as oito algemas que nos prendem: ódio, vergonha, linhagem, orgulho da boa conduta, medo, tendência em ocultar, status social, e aflição. Os oficiais do templo não sabiam sobre esta *sādhana* secreta do Mestre. Eles teriam feito uma comoção se tivessem ouvido sobre isso, porque Ramakrishna era um brâmane de classe alta e o sacerdote do templo de Kali. Swami Vivekananda mencionou este incidente em sua palestra “Meu Mestre”:

Ele se propôs a aprender a humildade, porque ele havia descoberto que a ideia comum em todas as religiões é “Não eu, mas Tu,” e que o Senhor preenche o coração daquele que diz, “Não eu.” Quanto menos deste pequeno “eu,” mais de Deus há nele. Isso, ele descobriu, era ensinado por toda religião no mundo, e ele se propôs a realizá-lo. Sempre que ele queria fazer qualquer coisa, ele nunca se limitava a teorias, mas entraria na prática imediatamente. Agora, havia uma família de párias vivendo perto do templo. Os párias somam vários milhões em toda a Índia, e são tão baixos na sociedade que alguns de nossos livros dizem que se um brâmane, ao sair de sua casa, vê o rosto de um pária, ele tem que jejuar naquele dia e recitar certas orações antes de se santificar novamente. No meio da noite, quando todos estavam dormindo, meu Mestre entrou na casa dos párias e

⁴ The Gospel of Sri Ramakrishna, trans. by Swami Nikhilananda (RamakrishnaVivekananda Centre: New York, 1969), 291.

limpou os lugares sujos lá, dizendo, “Ó Mãe, faça-me o servo do pária, faça-me sentir que sou ainda mais baixo que o pária.”⁵

Este pária era Rasik, um grande devoto. Sem saber, ele ajudou a cumprir a *sādhana* de humildade do Mestre.

Ramakrishna varreu o caminho do jardim do templo e disse aos devotos que a Divina Mãe caminhava ali. Um visitante uma vez pensou que ele era um jardineiro e pediu ao Mestre que colhesse flores para ele, o que ele fez.

M. registrou um incidente semelhante: Um jovem discípulo chamado Latu costumava viver com o Mestre em Dakshineswar e servi-lo. Uma vez, um devoto casado presenteou Latu com um novo par de sandálias. Mas porque ele estava ocupado a maior parte do tempo servindo o Mestre, ele não tinha tempo para usá-las. Uma noite, um chagal levou uma delas embora. Quando o Mestre soube disso, ele procurou no jardim. Ele finalmente encontrou a sandália depois de uma hora; ele então a devolveu a seu jovem discípulo. Latu imediatamente exclamou: “Senhor, o que o senhor fez? Eu deveria servi-lo — não o contrário!” Dizendo isso, ele pegou a sandália da mão do Mestre. Que afeto o Mestre tinha por seus devotos!

O ego de Ramakrishna havia morrido para sempre e seu “eu” estava completamente possuído pela Divina Mãe. Como resultado, sua vontade e a vontade da Mãe eram uma só. Ele disse a seus devotos: “Vocês veem, não há show ou engano aqui. Eu apenas disse à Divina Mãe em meu estado eufórico, ‘Ó Mãe, que aqueles buscadores sinceros que vêm aqui [*referindo-se a si mesmo*] obtenham a perfeição.’”⁶ O simples Rasik reconheceu a divindade do Mestre por sua graça. Ele foi sinceramente atraído ao Mestre e assim alcançou a perfeição.

A Morte de Rasik

Há vários relatos da morte de Rasik. Cada um é um pouco diferente, mas isso não é algo de se admirar. Quando lemos a Bíblia, encontramos as mesmas histórias de Jesus registradas de forma diferente por Mateus, Marcos, Lucas e João.

M. contou a história de Rasik:

Rasik era um varredor no jardim do templo de Dakshineswar. O Mestre nos falou sobre ele: Um dia Rasik lhe perguntou, “Mestre, o que

⁵ Swami Nikhilananda, Vivekananda: The Yogas and Other Works, (Ramakrishna Vivekananda Centre: New York, 1953), 706.

⁶ Gospel, 587.

acontecerá comigo?” O Mestre o abençoou e disse, “Você me verá no momento da morte.”

Rasik construiu um bosque de *tulsi* em seu pátio onde ele praticava disciplinas espirituais. Mais tarde ele ficou doente, e finalmente um dia ao meio-dia ele pediu a sua esposa que chamasse seus filhos e o carregasse até o bosque de *tulsi*. Lá, plenamente consciente, ele abandonou o corpo enquanto cantava o nome do Mestre.

Rasik era uma grande alma. Ele não apenas viu o Mestre ao longo de um longo período de tempo, mas também o reconheceu como uma Encarnação de Deus. Através da graça do Mestre ele foi induzido a fazer aquela pergunta vital, “O que acontecerá comigo?” Embora Rasik fosse um varredor, o Mestre lhe deu a imortalidade. O próprio Mestre nos disse que uma vez ele limpou o esgoto aberto da casa de Rasik com seus próprios cabelos enquanto orava com lágrimas nos olhos, “Mãe, destrua meu orgulho de ser um brâmane.”⁷

Swami Shivananda disse:

Qualquer um que se abrigue sob o Mestre com toda sinceridade e com todo o seu ser, qualquer um que ame o Mestre, inevitavelmente obterá a libertação. Vocês não ouviram a história daquele varredor chamado Rasik que vivia em Dakshineswar? Ele costumava chamar o Mestre de ‘Pai.’ Um dia o Mestre estava retornando da direção do Panchavati, absorvido em um estado espiritual. Naquele momento, Rasik ajoelhou-se diante dele e orou com as mãos juntas: “Pai, por que o senhor não me abençoa? O que estará reservado para mim?” O Mestre então o assegurou: “Você não precisa ter medo. Você terá seu desejo cumprido. Você me verá no momento da morte.” E foi exatamente isso o que aconteceu. Pouco antes de sua morte, ele foi carregado para perto do bosque de *tulsi*. E conforme o momento da morte se aproximava, Rasik gritou: “Aqui está o senhor! O senhor veio até mim, Pai! O senhor realmente veio, Pai!” E assim ele expirou.⁸

Swami Sankarananda narrou:

Rasik era um grande devoto. Ele tinha um bosque de *tulsi* em sua casa. Como ele pertencia à casta mais baixa, ele ficava longe das pessoas. Ele se satisfazia em ver o Mestre de longe. Quando o Mestre ia ao bosque de pinheiros, Rasik tocava as pegadas do Mestre com sua testa. Uma vez o

⁷ Swami Nityatmananda, *Srima Darshan* (General Printers and Publishers: Calcutta, 1970), 7:168-71.

⁸ Swamis Vividishananda and Gambhirananda, trans., *For seekers of God* (Advaita Ashrama: Calcutta, 1975), 268.

Mestre viu isso e olhou para ele com compaixão. Rasik perguntou: “Pai, eu não alcançarei nada nesta vida?” O Mestre respondeu: “Claro que você alcançará tudo. Tantos devotos vêm aqui, e você os serve limpando este jardim do templo.” Após a morte do Mestre, Rasik ficou aflito com a dor. Sua saúde também se deteriorou; ele não podia mais trabalhar. Gradualmente ele parou de vir varrer o pátio do templo. Sua filha começou a varrer, tomando o lugar de seu pai. Rasik estava muito doente. Antes da morte, ele pediu a sua esposa e aos outros: “Vocês todos almocem cedo hoje. Não cheguem perto de mim até que eu os chame.” Eram 10:00 da manhã. De repente, seu rosto irradiou alegria. Ele gritou: “Pai, o senhor veio! Então o senhor não se esqueceu de mim.”⁹

Kumudbandhu Sen registrou a seguinte lembrança de Ramlal, um dos sobrinhos de Ramakrishna:

Ouçá, o Tio estava descansando uma tarde em seu quarto. Ele se levantou e então veio para a varanda. Apontando para Rasik, o varredor do templo, ele me disse, “Rasik não é um mortal insignificante, mas um habitante do céu em forma humana.” Outro dia o Mestre foi ao bosque de pinheiros e eu carreguei o pote de água e a toalha. Rasik estava varrendo a área do Panchavati. Quando o Mestre estava retornando ao seu quarto, Rasik prostrou-se a seus pés. Sorrindo, o Mestre perguntou sobre seu bem-estar. Rasik se levantou e disse que não podia evitar o acidente de seu nascimento humilde, que o havia condenado à vida desprezível de um varredor. O Mestre rapidamente respondeu que ele não deveria lamentar seu status social, pois ele afinal havia nascido um ser humano, o mais alto da criação de Deus. O Espírito Supremo habitava nele.

O Mestre lhe lembrou que não havia emprego tão humilde a ponto de ser incompatível com a mais alta aspiração espiritual. Era a boa fortuna de Rasik ter sido encarregado da tarefa sagrada de varrer o pátio do templo e os degraus do templo, santificados pela poeira dos pés de milhares de devotos que vinham adorar nos santuários. Com olhos lacrimejantes Rasik perguntou, “Pai, eu serei salvo?” Com um sorriso gracioso o Mestre pediu que ele erguesse um bosque de *tulsi* em um canto de seu quintal e cantasse o nome do Senhor lá.

Dois anos após a morte do Mestre, o Irmão Ramlal encontrou a esposa de Rasik perto do Panchavati. Ela estava chorando inconsolavelmente. O Irmão Ramlal lhe perguntou o que havia acontecido. Como estava Rasik? Ela respondeu que seu marido estava muito doente. Seus filhos haviam chamado um médico, mas ele recusou-se a tomar qualquer remédio. Ele insistia em receber *Charanamrita* (água santificada).

⁹ Shankarananda Galpakatha (Ramakrishna-Shankarananda Sevasharama: Bamunmura, 1959), 38.

Como Rasik era um devoto *vaishnava*, o Irmão Ramlal imediatamente foi ao templo de Radhakanta, coletou um pouco de água santificada e algumas folhas de *tulsi*, e os deu à esposa de Rasik. Como o Irmão Ramlal não a viu novamente, ele foi à sua cabana alguns dias depois. A esposa e os filhos de Rasik choraram e disseram que ele havia falecido.

Eles narraram os últimos dias de Rasik: A água santificada do templo de Radhakanta pareceu ter um efeito estimulante em Rasik. Ele se sentiu melhor. Sua febre diminuiu e ele passou suas horas de vigília em cantar o nome do Senhor e orações fervorosas. Um dia, quando eles haviam retornado para casa após seu trabalho por volta do meio-dia, ele insistiu que eles fizessem sua refeição imediatamente. Depois que eles haviam cumprido seu desejo, ele pediu que o levassem até o bosque de *tulsi*. Estava quente lá fora. Eles obedeceram relutantemente a seu desejo. Ele deitou-se em uma esteira com seu rosário na mão e pediu que eles cantassem o nome de Deus. Depois de meia hora seu rosto se iluminou. Havia um olhar ardente em seus olhos e um sorriso brincando em seus lábios. Ele exclamou: “Ó, Tu vieste finalmente! Quão belo e gloriosamente resplandecente!” Ele então fechou os olhos e pareceu-lhes que um halo brincava ao redor de seu rosto radiante e pacífico enquanto ele caía em sono eterno.¹⁰

Rasik não foi um ator proeminente no drama divino de Ramakrishna. Embora a plateia não o visse no palco, ele tinha a responsabilidade de manter o palco — o jardim do templo de Dakshineswar — limpo. Ele demonstrou em sua vida que trabalho é adoração e que cada pessoa é grande em seu próprio lugar.



¹⁰ Prabuddha Bharata, 1958:113-14.